

“A MATÉRIA E A TAREFA DA LINGUÍSTICA” EM FERDINAND DE SAUSSURE: DA DECODIFICAÇÃO À TRADUÇÃO

*“The matter and the task of Linguistics” in Ferdinand de Saussure: from
decoding to translation*

*Gilmar Martins de Freitas Fernandes**

RESUMO: Haja vista a notoriedade e relevância dos três Cursos de Linguística Geral (CLG) ministrados por Ferdinand de Saussure, Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946) tomaram para si a difícil tarefa de tornar as ideias do linguista conhecidas por meio de um livro. A reconstituição que culminou no CLG apresenta uma interpretação das anotações dos alunos do curso e, também, de anotações pessoais de Saussure. Posteriormente à publicação do CLG, emergiu outra dificuldade: a de traduzir as ideias, conceitos e teorias do linguista em outras línguas. Neste artigo, portanto, objetiva-se analisar e discutir sobre a tradução do capítulo II do CLG, tendo em vista os desdobramentos que as traduções para as línguas inglesa e portuguesa podem ter sobre a compreensão e interpretação das teorias de Ferdinand de Saussure.

Palavras-chave: Curso de Linguística Geral; Tradução; Interpretação.

ABSTRACT: *Due to the importance and relevance of the three Courses in General Linguistics (CGL) taught by Ferdinand de Saussure, Charles Bally (1865-1947) and Albert Sechehaye (1870-1946) took upon themselves the difficult task of making the linguist's ideas known in a book. The reconstitution that culminated in the CLG presents an interpretation of the students' notes from the course and of personal notes by Saussure. After the publication of the CGL, another difficulty emerged: the difficulty of translating the linguist's ideas, concepts and theories into other languages. Therefore, this article aims at analyzing and discussing the translation of Chapter II of the Course in General Linguistics, considering the implications that both translations may have on the understanding and interpretation of the theories of Ferdinand de Saussure.*

Keywords: *Course in General Linguistics; Translation; Interpretation.*

* Professor de Língua Inglesa no Centro Federal de Educação Tecnológica da cidade de Araxá, Minas Gerais, Brasil. Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia e, atualmente, discente do curso de doutorado na mesma instituição. E-amil: gilmar_tins@yahoo.com.br

Introdução

Revisitar Ferdinand de Saussure (1857-1913), suas ideias, anotações e manuscritos é se deparar com questões complexas amplamente discutidas nas áreas da Linguística, Filosofia, Estudos Culturais, Semiologia e algumas outras ciências sociais. Linguista genebrino, Saussure é considerado fundador da Linguística Moderna e suas teorias que, por exemplo, possibilitaram o entendimento de que a Linguística está classificada entre as ciências sociais, e não entre as ciências naturais, como se acreditava, anteriormente, dada à sua sistemática elaboração conceitual de que a língua é uma instituição social (FIORIN; FLORES; BARBISAN, 2013).

Linguista de poucas publicações, Ferdinand de Saussure é majoritariamente reconhecido pela publicação póstuma do Curso de Linguística Geral (1916), doravante denominado CLG. A obra é fruto de uma compilação feita pelos linguistas Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946), com a colaboração de Albert Riedlinger (1883-1978), a partir das anotações de alunos dos três cursos de linguística que Saussure ministrou na Universidade de Genebra no decorrer de cinco anos.

Aqueles que presenciaram os cursos ministrados por Saussure lamentaram que dele não tivesse surgido um livro, dada a relevância das teorias nele abordadas e construídas. Assim, Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946) tomaram para si a difícil tarefa de tornar as ideias de seu mestre conhecidas por meio de um livro. A princípio, acreditavam que as anotações pessoais de Saussure, combinadas com as notas dos estudantes, poderiam ser suficientes para alcançar seus objetivos; contudo, não encontraram nas anotações de Saussure elaborações completas, tais como de seus alunos. Portanto, decidiram recorrer majoritariamente às anotações dos alunos.

A reconstituição que culminou no CLG, como afirmam os próprios editores, no prefácio à primeira edição, é uma interpretação e decodificação das anotações dos alunos do curso e, também, de anotações pessoais de Saussure. Assim sendo, não representa a ideia *ipsis litteris* do linguista, mas a essência do pensamento saussuriano. O difícil trabalho de compilação do CLG pode ser notadamente percebido pelas cartas trocadas entre os editores. Posteriormente às dificuldades para publicação, outra emergiu: a dificuldade de traduzir as ideias constantes no CLG para outras línguas, pois a tradução envolve, muitas vezes, uma releitura e transposição da língua-fonte à língua-

alvo¹ que pode culminar, algumas vezes, em uma interpretação equivocada de uma teoria ou conceito traduzido.

Isto posto, neste artigo², objetiva-se analisar e discutir a tradução do capítulo II do CLG, que trata da matéria e da tarefa da Linguística, dada a importância das questões nele abordadas para a Linguística Geral, tendo em vista os desdobramentos que ela pode ter sobre a compreensão do texto e a interpretação da teoria de Ferdinand de Saussure. Para tanto, toma-se a versão francesa *Cours de Linguistique Générale*, edição crítica de Túlio de Mauro, para comparar e discutir duas outras versões: *Course in General Linguistics*, versão inglesa traduzida por Wade Baskin, e *Curso de Linguística Geral*, versão brasileira traduzida por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.

1 Da publicação à tradução do CLG

Após o árduo trabalho de elaboração do CLG, Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946), com a colaboração de Albert Riedlinger (1883-1978), realizam a façanha de publicar em 1916 o Curso de Linguística Geral. Dada a notoriedade e a relevância da publicação para a área da Linguística, alguns países se apressaram para fazer traduções do CLG em suas línguas³, porém algumas contribuem para um entendimento equivocado da teoria ou de termos específicos oriundos do Curso de Linguística Geral, pois, como afirma Chandler (1994, p.5), “o sentido não está no texto, mas surge em sua interpretação, e interpretação é moldada por contextos socioculturais⁴”.

Segundo Souza (1998), há, na área da tradução, dois conceitos bem difundidos, que causam controvérsias entre os tradutores: o de tradução literal e tradução livre. No que concerne ao primeiro conceito, o ato de tradução leva em consideração a ideia de fidelidade, neutralidade e objetividade; já ao segundo, está associada à ideia de infidelidade, parcialidade e subjetividade. Assim, na tradução livre, privilegia-se a

¹ Neste artigo, adotam-se os termos “texto-fonte/de origem; texto-alvo; língua-fonte/de origem; língua-alvo”. (MUNDAY, 2001).

² Esta pesquisa foi motivada pela disciplina “Tópicos em Linguística: O curso de Linguística Geral” ministrada pela Profa. Dra. Eliane Mara Silveira, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia.

³ Algumas traduções foram analisadas em outras pesquisas (LIMA, 2011, 2015; PASQUALINI, 2012 *et al.*).

⁴ “Meaning does not reside *in* a text but arises in its interpretation, and interpretation is shaped by sociocultural contexts” (CHANDLER, 1994, p.5). Tradução minha.

tradução/transposição do sentido (das ideias ou conceitos), enquanto na tradução literal privilegia-se a forma.

O processo de tradução, data do século III e I a.C., em Alexandria, é marcado pela tradução grega das Escrituras Hebraicas, a *Septuaginta*, que foi adotada posteriormente pelos cristãos. Acredita-se que os tradutores tiveram uma inspiração divina nesse processo (MUNDAY, 2001). A *Septuaginta* foi usada como base para diversas traduções da bíblia, entre elas, a versão latina. Embora conhecida mundialmente, a *Septuaginta* é alvo de algumas críticas a respeito de sua tradução, pois alguns estudiosos apontam equívocos de ordem textual, doutrinária, política, entre outros, nesse processo (DRIVER, 1970).

De acordo com Dalben (1992, p. 81), o autor de um texto é: “construtor de sentidos que a partir de sua visão e linguagem sociopolíticas, construídas através das interações com a sociedade na qual está inserido, passa a ser um transmissor do discurso que ouve”. Sob essa perspectiva, o ato de traduzir engloba a complexidade de conservar as intenções de seu autor, o sentido, ou a carga semântica de determinado signo-termo-expressão-frase e, ao mesmo tempo, transpô-lo a outra língua. A tradução é, portanto, um trabalho árduo e difícil, uma vez que a transposição de uma língua a outra está para além do nível da coisa a ser traduzida em si, mas para o nível do sentido.

Semelhantemente, conforme Jakobson (1959), o significado das palavras ou frases é um fato linguístico/semiótico, o que implica dizer que o sentido não está na coisa em si, mas na ideia que se tem do signo que representa essa coisa. Neste sentido, a tradução de um termo de uma língua a outra corresponde à transposição semântica do signo de uma língua-fonte a uma língua-alvo. Por isso, é comum identificar traduções em que a quantidade de signos traduzidos não corresponde à quantidade dos signos que o originaram, pois, frequentemente, para que o sentido do termo primeiro permaneça, é necessária a busca por uma cadeia de signos na língua-alvo que corresponda aos signos da língua-fonte. O autor define três tipos de traduções dos signos verbais:

- 1- Tradução intralinguística ou reformulação é uma interpretação de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2 - Tradução interlinguística ou tradução adequada é uma interpretação de signos verbais por meio de outro idioma.

3 - Tradução intersemiótica ou transmutação é uma interpretação de signos verbais por meio de signos de sistemas de signos não-verbais⁵. (JAKOBSON, 1959, p. 114).

Sob esse viés, a tradução intralinguística envolve a interpretação de um signo específico pelo acréscimo de outros signos linguísticos de uma mesma língua, que representam a carga semântica desse signo. Por outro lado, a tradução interlinguística envolve a busca semântica por um determinado signo linguístico, em outra língua, que represente o sentido de um signo de uma língua específica. Por fim, a tradução intersemiótica envolve a procura por signos não verbais que contenham a carga semântica de um signo linguístico determinado.

Segundo Fernandes e Freitas (2016), a tradução de um termo/frase específico pode, e frequentemente é, ser traduzido de formas diferentes. De acordo com os autores, o momento, a finalidade da tradução, o contexto, a história de vida, as experiências e os conhecimentos linguístico-culturais do tradutor podem influenciar na escolha dos termos equivalentes da língua-fonte para a língua-alvo. Além disso, os pesquisadores atestam que o sentido não está, em sua totalidade, no texto a ser traduzido, mas na relação entre o autor: o texto a ser traduzido e o tradutor.

Conforme a Hipótese de Sapir-Whorf (CHANDLER, 1994), as línguas são diferentes entre si, logo, não há duas sequer que possam representar a mesma realidade social. Ademais, que os sentidos e ações são produzidos a partir de acordos linguísticos e culturais entre os membros de cada comunidade. Assim sendo, as diferenças linguísticas de cada comunidade requerem e impõem formas de ação e interpretação peculiares a cada contexto. Sob essa perspectiva, portanto, pode-se afirmar que traduzir de uma língua-fonte a uma língua-alvo é, por vezes, deparar-se com a impossibilidade de transpor o real sentido da língua-fonte. Por outro lado, há casos em que a tradução semântica é possível, mas, por escolhas equivocadas do tradutor, o texto-fonte perde seu sentido.

Portanto, ante as concepções teóricas sobre tradução apresentadas, na seção a seguir será feita uma análise de três versões do CLG atentando para possíveis

⁵ “1 - Intralingual translation or rewording is an interpretation of verbal signs by means of other signs of the same language; 2 - Interlingual translation or translation proper is an interpretation of verbal signs by means of some other language; 3 - Intersemiotic translation or transmutation is an interpretation of verbal signs by means of signs of nonverbal sign systems.” (JAKOBSON, 1959, p.114). Tradução minha.

inadequações nas traduções de uma língua a outra⁶; e é necessário ressaltar, contudo, o difícil e reconhecido trabalho feito pelos tradutores nas edições aqui revistas.

2 Traduções do capítulo II: Matéria e tarefa da linguística⁷

Nesta seção, toma-se a versão francesa *Cours de Linguistique Générale*, edição crítica de Túlio de Mauro, para analisar duas outras versões (*Course in General Linguistics*, versão inglesa traduzida por Wade Baskin e *Curso de Linguística Geral*, versão brasileira traduzida por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein).

No capítulo II, conforme a tabela 1, a seguir, Ferdinand de Saussure discorre sobre quais seriam as tarefas e a utilidade da Linguística e, também, sobre o que a constitui. Ou seja, semanticamente, o linguista disserta nesse capítulo sobre as funções ou obrigações da Linguística e, ainda, sobre o objeto epistemológico ou material, que lhe serve como instrumento de análise.

As questões de tradução do referido capítulo analisado foram enumeradas de 1 a 12, conforme pode ser observado na tabela 2, a seguir. Além do mais, os termos aqui discutidos foram postos lado a lado com o intuito de comparar as três versões aqui analisadas. Ainda, adota-se as siglas: VFr, para a versão francesa; VIn, para a versão inglesa; VBr, para a versão brasileira.

⁶ Para discussão dos termos do presente artigo foram consultados dicionários *online*, conforme referências.

⁷ Tendo em vista que a análise aqui empreendida toma como base a versão francesa (VFr), optou-se por mantê-la na íntegra em francês. Contudo, sua versão traduzida para o português pode ser encontrada a partir das referências no final deste artigo.

TABELA 1 – CAPÍTULO II DO CLG

CHAPITRE II

[1] MATIÈRE ET TACHE DE LA LINGUISTIQUE; SES RAPPORTS AVEC LES SCIENCES CONNEXES

La matière de la linguistique est constituée d'abord par toutes les manifestations du langage humain, qu'il s'agisse des peuples sauvages ou des nations civilisées, des époques archaïques, classiques ou de décadence, en tenant compte, dans chaque période, non seulement du langage correct et du << beau langage >>, mais de toutes les formes d'expression. Ce n'est pas tout: [2] le langage échappant le plus souvent à l'observation, le linguiste [3] devra tenir compte des textes écrits, puisque seuls ils lui font connaître les idiomes passés ou distants:

La tâche de la linguistique sera:

a) de faire la description et l'histoire de toutes les langues qu'elle pourra atteindre, ce qui revient à faire l'histoire des familles de langues et à reconstituer dans la mesure du possible les langues mères de chaque famille;

b) de chercher les forces qui sont en jeu d'une manière permanente et universelle dans toutes les langues, et [4] de dégager les lois générales auxquelles on peut [5] ramener tous les phénomènes particuliers de l'histoire;

c) de se délimiter et de se définir elle-même.

La linguistique a des rapports très étroits avec d'autres sciences qui tantôt lui empruntent des données, tantôt lui en fournissent. Les limites qui l'en séparent n'apparaissent pas toujours nettement. Par exemple, la linguistique doit être soigneusement distinguée de l'ethnographie et de la pré-histoire, où la langue n'intervient qu'à titre de document distinguée aussi de l'anthropologie, qui n'étudie l'homme qu'au point de vue de l'espèce, tandis que le langage est un fait social. Mais faudrait-il alors l'incorporer à la sociologie? Quelles relations existent entre la linguistique et la psychologie sociale? [6] Au fond, tout est psychologique dans la langue, y compris ses manifestations matérielles et mécaniques, comme [7] les changements de sons; et puisque la linguistique fournit à la psychologie sociale de si précieuses données, ne fait-elle pas corps avec elle? Autant de questions que nous ne faisons qu'effleurer ici pour les reprendre plus loin.

Les rapports de la linguistique avec la psychologie ne sont pas aussi difficiles [8] à débrouiller: la relation est unilatérale, en ce sens que l'étude des langues demande des éclaircissements à la physiologie des sons, mais ne lui en fournit aucun. En tout cas la confusion entre les deux disciplines [9] est impossible: l'essentiel de la langue, nous le verrons, est étranger au caractère phonique du signe linguistique.

Quant à la philologie, nous sommes déjà fixés: [10] elle est nettement distincte de la linguistique, malgré les points de contact des deux sciences et les services mutuels qu'elles se rendent.

Quelle est enfin l'utilité de la linguistique? Bien peu de gens ont là-dessus des idées claires; ce n'est pas le lieu de les fixer. Mais il est évident, par exemple, que les questions linguistiques intéressent tout ceux, historiens, philologues, etc., qui ont à manier des textes. Plus évidente encore est son importance pour la culture générale: dans la vie des individus et des sociétés, le langage [11] est un facteur plus important qu'aucun autre. Il serait inadmissible que son étude restât l'affaire de quelques spécialistes; en fait, tout le monde s'en occupe [12] peu ou prou; mais – conséquence paradoxale de l'intérêt qui s'y attache – il n'y a pas de domaine où aient germé plus d'idées absurdes, de préjugés, de mirages, de fictions. Au point de vue psychologique, ces erreurs ne sont pas négligeables; mais la tâche du linguiste est avant tout de les dénoncer, et de les dissiper aussi complètement que possible.

TABELA 2 – COMPARAÇÃO DAS TRADUÇÕES

	Cours de Linguistique Générale Túlio De Mauro	Course In General Linguistics Wade Baskin	Curso de Linguística Geral Antônio Chelini; José Paulo Paes; Izidoro Blikstein
1.	Matière et Tache de la Linguistique; ses rapports avec les sciences connexes	Subject matter and scope of Linguistics; its relations with other sciences	Matéria e tarefa da Linguística; suas relações com as ciências conexas
2.	Le langage échappant le plus souvent à l'observation	Since he is often unable to observe speech directly	Como a linguagem escapa as mais das vezes à observação
3.	Le linguiste devra tenir compte des textes écrits	He must consider written texts	O linguista deverá ter em conta os textos escritos
4.	De dégager les lois générales	To deduce the general laws	Deduzir as leis gerais
5.	Ramener tous les phénomènes particuliers de l'histoire	All specific historical phenomena can be reduced	Referir todos os fenômenos peculiares da história
6.	Au fond, tout est psychologique dans la langue	Everything in language is basically psychological	Na realidade, tudo é psicológico na língua
7.	Comme les changements de sons	Such as sound changes	Como a troca de sons
8.	Les rapports de la linguistique avec la physiologie ne sont pas aussi difficiles à débrouiller	The ties between linguistics and the physiology of sounds are less difficult to untangle	As relações da Linguística com a Fisiologia não são tão difíceis de discernir
9.	En tout cas la confusion	In any event, the two	Em todo caso, a confusão

	entre les deux disciplines est impossible	disciplines cannot be confused	entre as duas disciplinas se torna impossível
10.	Quant à la philologie, nous sommes déjà fixés: elle est nettement distincte de la linguistique	As for philology, we have already drawn the line: it is distinct from linguistics	Quanto à Filologia, já nos definimos: ela se distingue nitidamente da Linguística
11.	Dans la vie des individus et des sociétés, le langage est un facteur plus important qu'aucun autre	In the lives of individuals and societies, speech is more important than anything else	Na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro
12.	Il serait inadmissible que son étude restât l'affaire de quelques spécialistes; en fait, tout le monde s'en occupe peu ou prou	That linguistics should continue to be the prerogative of a few specialists would be unthinkable-everyone is concerned with it in one way or another.	Seria inadmissível que seu estudo se tornasse exclusivo de alguns especialistas; de fato, toda a gente dela se ocupa pouco ou muito

Na VFr, o capítulo II recebeu o título [1] “Matière et Tache de la Linguistique; ses rapports avec les sciences connexes”. Diferentemente, a tradução inglesa (VIn) recebeu o título “Subject matter and scope of Linguistics; its relations with other sciences”, que apresenta algumas diferenças semânticas, quando comparada com a VFr. Em inglês, “matter⁸” pode ser traduzido como matéria ou substância (MICHAELIS, 2016). No entanto, de acordo com Cambridge (2016), “subject matter⁹” frequentemente se refere a informações ou ideias que representam o tema, tópico ou assunto de um filme, livro, pensamento etc. No título do capítulo II, contudo, Saussure não se refere ao tema ou assunto da Linguística, mas a alguma substância sobre a qual a área se debruça por tê-la como objeto ou matéria de estudo.

O termo “scope”, segundo Cambridge (2016), é utilizado em inglês para se referir ao alvo, intuito, objetivo, raio de extensão, alcance ou à abrangência de uma área,

⁸ Definição do dicionário *online* Michaelis: mat.ter - **n** 1 matéria, substância. **2** assunto, tópico. **3** negócio, questão, causa. **4** pus. **5** importância. **6** caso. **7** dificuldade. **vi** **1** importar, significar. **2** supurar. **for that matter** no que diz respeito ao assunto. **in the matter of** a respeito de. **no matter** não importa. **no matter where** onde quer que seja. **no matter which** qualquer que seja. **printed matter** impresso (correio). **that's what the matter is** aí é que está. **what is the matter?** O que há?

⁹ Definição do dicionário *online* Cambridge: subject matter - the things that are being talked or written about, or used as the subject of a piece of art, etc.:

programa, à discussão, assunto etc. Assim, “scope of Linguistics” remete ao raio/extensão de abrangência da Linguística ou, ainda, intuito da Linguística. No entanto, no sentido utilizado na VFr, Saussure objetivava destacar quais eram as obrigações ou tarefas que a Linguística deveria executar e não delimitar seus objetivos ou área de abrangência. Ainda, “other sciences” (GOOGLE TRADUTOR, 2016) significa “outras ciências”, sejam elas quais forem. Mas, na VFr, o sentido apreendido seria de ciências conexas, ou seja, ciências associadas de áreas afins ou que tivessem alguma relação/conexão.

No excerto [2] *le langage échappant le plus souvent à l’observation*, Saussure afirma que a linguagem frequentemente escapa à observação. Na VBr, o sentido geral da sentença é preservado, mas com algumas diferenças. Na tradução, os tradutores utilizaram a expressão “as mais das vezes” para representar “le plus souvent”. Embora essa expressão seja compreensível em português, talvez o advérbio “frequentemente” fosse mais apropriado para corresponder à VFr, haja vista ser um termo mais comum à língua portuguesa.

Por outro lado, na VIn “since he is often unable to observe speech directly”, há uma discrepância relevante em relação à VFr. Isso porque os tradutores se referem ao linguista como sendo incapaz de observar o discurso diretamente. No entanto, na VFr, a dificuldade de observação provém da linguagem, ou seja, pelo fato de a linguagem ser difícil de ser observada, o linguista precisa levar em conta textos escritos.

Na sentença *Le linguiste [3] devra tenir compte des textes écrits*, a VIn troca o substantivo “le linguiste” pelo pronome “he”, alteração que não acarreta em uma mudança semântica significativa, pois ambas representam o sujeito da ação. Na VBr, “devra tenir compte” é traduzido como “deverá ter em conta”. Essa tradução é possível e compreensível em português, porém, não é muito usual. Talvez, uma tradução mais comum fosse “levar em consideração”. Além disso, a expressão em francês remete a uma obrigação no presente, a uma ordem que, em português, foi traduzida como sendo uma ação futura.

Nas VBr e VIn, o excerto [4] *de dégager les lois générales* é traduzido como “deduzir as leis gerais”. O sentido dessa frase seria o de supor ou inferir, em um sistema qualquer, quais são as leis gerais que o constituem. Em francês, a palavra “dégager” tem

o sentido de colocar em evidência, mostrar, encontrar, retirar e, comumente, é traduzida como liberar, desimpedir, destacar, extrair ou tirar (LAROUSSE, 2016; GOOGLE TRADUTOR, 2016). Sob essa perspectiva, então, a frase em francês define que uma das tarefas da Linguística é evidenciar ou mostrar quais são as leis gerais de todas as línguas. No entanto, sua tradução caminha em sentido diferente: que uma das tarefas da Linguística é deduzir ou supor quais são as leis gerais de todas as línguas, o que difere do seu sentido primeiro.

Na frase *On peut [5] ramener tous les phénomènes particuliers de l'histoire*, a palavra “ramener” tem o sentido de abranger, levar, ou abarcar e é, frequentemente, traduzida como trazer, reconduzir ou levar (LAROUSSE, 2016; LE DICTIONNAIRE MULTIFONCTIONS, 2016). Assim, na frase em questão, objetiva-se evidenciar as leis gerais que possam abarcar, abranger ou, ainda, levar todos os fenômenos particulares da história. Na VBr, a palavra é traduzida como “referir”, que tem seu sentido semelhante ao da versão francesa. Já na VIn, a palavra é traduzida como “reduced”, que tem um sentido diferente da VFr, pois significa reduzida. Assim, ela possibilita o entendimento de que uma das tarefas da Linguística seria evidenciar as leis gerais pelas quais todos os fenômenos particulares da história podem ser reduzidos.

Em [6] *Jau fond, tout est psychologique dans la langue*, a expressão “au fond” designa um advérbio que, em português, poderia ser traduzido como “no fundo” (MICHAELIS, 2016), ou, em linguagem popular, seria representado por “no final das contas”. Nesse sentido, a frase afirma “enfim, tudo é psicológico na língua”. “Au fond” pode, também, ser traduzido como fundamentalmente, essencialmente e definitivamente (LAROUSSE, 2016), dependendo do contexto. A VBr opta por utilizar “na realidade” que, semanticamente, não corresponde à palavra francesa, pois, em um parágrafo, representa a contraposição de algo que fora dito, mas, esse advérbio, nessa frase, apresenta uma conclusão das ideias que foram elaboradas no parágrafo em questão. A VIn traduz como “basicamente”, que tem uma carga semântica semelhante à VFr.

A frase *Comme [7] les changements de sons* pode causar diferentes entendimentos entre suas versões. Em francês, conforme Larousse (2016), “changement” corresponde à ação de mudar ou modificar algo, que remete à evolução ou transformação e é traduzida como mudança, alteração, modificação ou transformação

(MICHAELIS, 2016). Na frase em francês, porém, uma tradução usual seria “a mudança/transformação dos sons” (GOOGLE TRADUTOR, 2016). Na VBr, “changement” foi traduzido como “troca”. Ao fazê-lo, o sentido primeiro da frase é deslocado. Isso porque, em francês, o substantivo “troca” corresponde ao “l’échange” (LAROUSSE, 2016) e não “le changement”. A escolha por essa palavra impinge à frase o sentido de troca de sons e não mais evolução dos sons. Na VIn, a escolha dos tradutores não altera o sentido primeiro da frase, pois o substantivo “changes” tem vários significados em inglês, entre eles “mudança” ou “troca” (MICHAELIS, 2016). Então, é o contexto que dá sentido ao substantivo.

Na VBr, a palavra “débrouiller” da sentença *Les rapports de la linguistique avec la physiologie ne sont pas aussi difficiles [8] à débrouiller* é traduzida como “discernir”. Portanto, o sentido veiculado nessa sentença é que é fácil diferenciar as relações entre a Linguística e a Fisiologia. Por outro lado, visto que “untangle” e “débrouiller” significam desembaraçar e esclarecer (MICHAELIS, 2016; LAROUSSE, 2016) nas VIn e VFr o sentido veiculado é que é fácil esclarecer essas relações e não diferenciar, como posto na VBr.

As traduções das sentenças [9], [10] e [11] (*En tout cas la confusion entre les deux disciplines [9] est impossible; [10] elle est nettement distincte de la linguistique; Le langage [11] est un facteur plus important qu’aucun autre*) nas VBr e VIn não alteram substancialmente o sentido das afirmações em relação à VFr, haja vista manterem uma leitura possível das teorias apregoadas em ambas traduções. Destarte, nas traduções, a sentença [9] afirma que a confusão entre a Fisiologia e Linguística são impossíveis, já a [10] declara que ambas as áreas são nitidamente distintas, e a [11] assegura que a linguagem é o fator mais importante na vida dos indivíduos e da sociedade.

Apesar de as traduções dessas sentenças manterem os sentidos principais do texto em francês, algumas modalizações são feitas. Entretanto, há de se considerar que elas representam a elaboração teórica de um autor e, também, de uma área: da Linguística. Logo, a modalização pode interferir na elaboração e constituição de uma dada teoria. Segundo Fiorin (2000), a modalização se refere à tomada de posição do enunciador pelo discurso mediante a um discurso.

Partindo de uma abordagem enunciativa, Fiorin (2000) afirma que a modalização confere ao enunciador o papel-lugar sobre o que diz. Isso porque, ao enunciar, o enunciador constrói novos sentidos que se sobrepõem. Sob esse viés, o pesquisador destaca quatro categorias modais que demonstram a posição do enunciador: dever = necessidade; dever não = impossibilidade; não dever não = possibilidade; não dever = contingência.

Sob essa perspectiva, o que se observa nas VBr e VIn é uma modalização quanto às afirmações e constatações de Saussure. Na VFr, é usada a terceira pessoa do presente do indicativo do verbo “ser” (é), “est” em francês, para afirmar “a confusão entre as duas disciplinas é impossível”, declaração que atesta uma impossibilidade (dever não confundir), a qual afirma não ser possível confundir a Linguística com outras áreas.

Por outro lado, em suas traduções, a declaração é transposta de forma modalizada para “as duas disciplinas não podem ser confundidas” (VIn) e “a confusão entre as duas disciplinas se torna impossível” (VBr). Ao fazê-lo, suas traduções trazem consigo uma contingência (não dever confundir): de que a Linguística não deve ser confundida com outras áreas. Do mesmo modo, a afirmação “a Filologia é diferente da Linguística” (VFr) é transposta para “ela se distingue nitidamente da Linguística” (VBr).

Na VBr, a expressão “peu ou prou” da frase *En fait, tout le monde s’en ocupe [12] peu ou prou* é traduzida como “pouco ou muito”. Ainda que o entendimento de “pouco ou muito” seja possível em português, não é muito usual e difere, em certa medida, da expressão francesa. Semelhantemente, a VIn opta por traduzir como “de um jeito ou outro” que, também, é compreensível, mas com o sentido diferente da expressão em francês. “Peu ou prou”, de acordo com Expressio.fr (2016) e Reverso (2016), é uma expressão francesa arcaica, não mais utilizada nos dias atuais, que significa “mais ou menos”. Deste modo, a sentença [12] afirma que todas as pessoas se ocupam mais ou menos, de uma forma ou de outra, do estudo da linguagem.

Conclusão

Neste artigo, tendo em vista que a tradução é uma interpretação possível de um texto-fonte, verificou-se que os termos, expressões e palavras utilizadas na tradução do

capítulo II do Curso de Linguística Geral contribuíram e contribuem para a problematização de questões relativas à matéria e à tarefa da Linguística. Por outro lado, constatou-se que, em alguns casos, as escolhas feitas pelos tradutores podem corroborar para um entendimento equivocado a respeito dos conceitos delimitados, por Ferdinand de Saussure, por apresentarem um deslocamento de sentidos que diferem entre si nas versões francesa e inglesa.

Pelas análises aqui empreendidas, foi possível identificar, também, que a complexa escolha de termos, expressões e palavras que pudessem representar, ainda que parcialmente, o sentido pretendido da língua-fonte (francesa) às línguas-alvo (inglesa e portuguesa) contribuíram para interpretações e entendimentos distintos sobre as teorias e conceitos do linguista genebrino.

Referências

ALTMAN, C. Sobre Mitos e História: a visão retrospectiva de Saussure nos três Cursos de Linguística Geral. In: FIORIN, J. L.; FLORES, V. do N.; BARBISAN, L. B. (Org.) *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

BARTHES, R. A morte do autor. In: _____. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fonte, 2004, p. 57 - 64. Disponível em: <http://www.artesplasticas.art.br/guignard/disciplinas/critica_1/A_morte_do_autor_barthes.pdf>. Acesso em: 29/03/2016.

BRUM-DE-PAULA, M. R.; ESPINAR, G. S. Coleta, transcrição e análise de produções orais. In: BRUM-DE-PAULA, M. R.; SCHERER, A. E.; PARAENSE, S. C. L. (Orgs.). *Letras*, n. 21. Santa Maria: PPGL Editores, p. 1-13, 2002. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/laboratorioelo/files/2014/05/corpora.pdf>>. Acesso em: 10/04/2016.

CAMBRIDGE. *Dictionaries online*. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

CHANDLER, D. The Sapir-Whorf Hypothesis. In *The Act of Writing* (Adaptação) Aberystwyth, University of Wales, 1994. Disponível em: <<http://coralgables-sh.enschool.org/ourpages/users/099346/IB%20Theory%20of%20Knowledge/Bastian%20Chapter%2006/Bastian%206/Chandler%20Sapir%20Whorf%20Hypothesis.pdf>>. Acesso em: 29/03/2016.

DALBEN, T. P. S. Tradução e construção de identidades sociais: desconstruindo para descolonizar. In: ARROJO, R. (org.). *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas/SP: Pontes, 1992, p. 76 - 88.

DICIO. *Dicionário online de português*. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

DRIVER, G. Introduction to the Old Testament of the New English Bible. *Oxford*: Oxford University Press and Cambridge University Press, 1970. Disponível em: <<http://www.bible-researcher.com/driver1.html>>. Acesso em: 29/03/2016.

FERNANDES, G. M. F.; FREITAS, D. M. O Google Tradutor E Suas Funções: Resignificando A Ferramenta Para Tradução. *Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia*, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php?journal=artefactum&page=article&op=view&path%5B%5D=841>>. Acesso em: 30/03/ 2016.

FIORIN, J. L. Modalização: da língua ao discurso. *Alfa* (ILCSE/UNESP), São Paulo, v. 44, p. 171-192, 2002.

FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. Por que ainda ler Saussure? In: _____. *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

GOOGLE TRADUTOR. *Tradutor online*. Disponível em: <<https://translate.google.com.br/?hl=pt-br&tab=tt>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

JAKOBSON, R. On Linguistic Aspects of Translation, en Brower, Reuben A. (Ed.). *On Translation*. Oxford: Oxford University Press, 1966/1959, p. 113-118. Disponível em: <<http://isites.harvard.edu/fs/docs/icb.topic84298.files/Supplementaryreadings/JAKOBSON.PDF>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

LAROUSSE. *Dictionnaires de français*. Disponível em: <<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/n%c3%a9gligible/54069?q=n%c3%a9gligible#53712>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

LIMA, T. R. S. Os problemas de tradução no Curso de Linguística Geral. In: *SILEL*, 2011, Uberlândia. Anais do SILEL, 2011. v. 2.

_____. Linguagem, língua e fala: da escrita à tradução. In: LOPES, C.; LIMA, M. H. (Org.). *Diálogos: Saussure e os estudos linguísticos contemporâneos*. 1ed. Natal: EDUFRN, 2015, v. 2, p. 485-502.

MICHAELIS. *Dicionário online*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. London and New York: Routledge, 1st. edition, 2001.

MOLLINOVÁ, E. *Les traductions et les oeuvres basées sur Cours de linguistique générale*. 2013. 67f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mémoire de licence). Faculté des Lettres, Université Palacky à Olomouc. Olomouc, 2013. Disponível em: <http://theses.cz/id/1jso5b/Les_traductions_et_les_oeuvres_bases_sur_cours_de_linguis.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2016.

PASQUALINI, B. Langue e language: o dilema dos tradutores do CLG em inglês. *Revista Translation*, v. 1, p. 1-10, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/36685>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

SAUSSURE, F.; *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique préparé par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1986.

_____. *Curso de Lingüística General*. Trad. Alonso, A. Buenos Aires, 24ª Ed. Losada, 1945. *Cours de Linguistique Générale*. Charles Bally e Albert Sechehaye (orgs.), com a colaboração de Albert Riedlinger, 1916.

_____. *Course in General Linguistics*. Trad. de Wade Baskin. New York: 1ª Ed. McGraw-Hill Book Co, 1966. *Cours de Linguistique Générale*. Charles Bally e Albert Sechehaye (orgs.), com a colaboração de Albert Riedlinger, 1916.

SINÔNIMOS.COM.BR. *Dicionário de sinônimos online*. Disponível em: <<http://www.sinonimos.com.br/>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

Recebido em: 16/10/2016

Aceito em: 05/12/2016